

VIII Domingo do Tempo Comum C – Mosteiro de Claraval, MG-Brasil, 27.02.22

Leituras: Sirach 27,5-8; 1 Coríntios 15,54-58; Lucas 6,39-45

Numa época em que graves eventos globais, guerras e abusos de poder em escala universal estão ocorrendo no mundo, e quando todos se sentem impotentes para lutar efetivamente contra o mal, a liturgia deste domingo parece querer nos trazer de volta ao problema fundamental de todos os assuntos humanos: o problema do nosso coração como o ponto do universo onde se decide quem ganha na luta entre o bem e o mal que percorre toda a história.

No Evangelho que acabamos de ouvir, Jesus nos lembra que o coração humano é um ponto de origem, uma raiz da qual tudo o mais deriva: "O homem bom tira coisas boas do bom tesouro do seu coração. Mas o homem mau tira coisas más do seu mau tesouro, pois sua boca fala do que o coração está cheio" (Lc 6,45)

Já Sirach nos lembrava que "o fruto revela como fui cultivada a árvore; assim a palavra mostra o coração do homem." (Sir 27,6)

Sim, o coração é uma raiz que, se é boa, permite que a árvore produza bons frutos, se é má faz com que produza maus frutos. Os frutos de nosso coração se manifestam sobretudo na forma como nos relacionamos com os outros, nas relações que temos com nosso próximo, tanto vizinho como distante. É por isso que, novamente no Evangelho deste domingo, Jesus insiste tanto na qualidade de nosso olhar sobre os outros, quanto na qualidade de nossas palavras: "Por que vês tu o cisco no olho do teu irmão, e não percebes a trave que há no teu próprio olho? Como podes dizer a teu irmão: irmão, deixa-me tirar o cisco do teu olho, quando tu não vês a trave no teu próprio olho? Hipócrita"! (Lc 6,41-42). E acrescenta: "Pois sua boca fala do que o coração está cheio" (6,45).

A hipocrisia é uma relação falsa, é uma forma falsa de estar com os outros, falsa no que se pensa de si mesmo, assim como no que se pensa consequentemente dos outros. Se não há verdade sobre si mesmo no coração, é impossível olhar com veracidade para o próximo. Se alguém tem uma concepção errada de si mesmo, não pode ter uma concepção verdadeira e correta de seu irmão, irmã, e assim a relação é falsa, não pode ser uma relação de amor verdadeiro, não pode ser boa nem para si mesmo nem para o outro. Esta hipocrisia se manifesta em nível interpessoal, mas pode se espalhar entre diferentes comunidades, entre diferentes Igrejas, entre diferentes povos. Não é uma falsa auto-concepção da Rússia, pelo menos naqueles que a governam, que leva a uma falsa concepção da Ucrânia? As guerras são quase sempre o resultado da hipocrisia. Elas mostram em escala macroscópica como um sentimento de orgulho de si mesmo leva ao desprezo pelo outro e, portanto, à facilidade de atacá-lo e de querer suprimi-lo. Afinal de contas, a grande mentira, a grande hipocrisia que surge em nossos corações consiste em acreditar que somos superiores aos outros.

Como podemos nos converter a partir desta tendência mortal do coração? Como podemos superar o veneno da mentira que faz com que a arca do tesouro de nosso coração conserve a orgulhosa auto-estima e não o amor que só pode encontrar o outro ao estimá-lo e oferecer-lhe a verdadeira amizade?

Na segunda leitura, São Paulo nos sugere o caminho da salvação que pode se estender de nossos corações ao mundo inteiro: a vitória de Cristo, Cristo que, morrendo e ressuscitando, nos redime da morte e do pecado: "Ó morte, onde está a tua vitória? Onde está o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a Lei. Graças sejam dadas a Deus que nos dá a vitória pelo Senhor nosso, Jesus Cristo" (1 Cor 15,55-57).

Somente Cristo pode salvar nossos corações do orgulho, somente Ele pode vencer em nós a hipocrisia do coração, a raiz envenenada que em nós e no mundo produz frutos de ódio e morte, e não de paz e amizade.

O que devemos fazer para experimentar esta vitória?

Devemos entregar nosso coração a Jesus Cristo, deixar que seja só Ele, e somente Ele, a curá-lo, a alimentá-lo, a salvá-lo. E isto significa permitir que Cristo se torne Ele mesmo o tesouro de nosso coração, o bom tesouro que produz bons frutos, que produz boas relações, que produz frutos de caridade, de paz, de verdade. Um tesouro se torna bom se ele contém coisas boas. É-nos dado para guardar o próprio Jesus Cristo, ou seja, viver uma amizade com Ele, deixar-nos amar por Ele e amá-lo. Este é o segredo da humildade e da alegria. "Aquele que tem Jesus em seu coração", disse o grande santo russo João de Kronstadt, "está contente com tudo!". Aquele que tem Jesus como o tesouro de seu coração, não precisa ser superior a ninguém, não precisa dominar ninguém, conquistar nada, fazer qualquer guerra, mas desfruta da comunhão com cada pessoa, com cada criatura, que o humilde amor de Cristo torna possível, superando todas as nossas orgulhosas tendências a dominar e possuir.

Jesus veio para nos ensinar seu humilde e pacífico amor. É o Mestre que deseja nos ensinar essencialmente humildade e mansidão de coração: "aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossa vida" (Mt 11,29). Jesus quer que não apenas nos tornemos como Ele, mas que nos tornemos Ele, deixando-o viver em nós, em nosso coração, que então alimenta toda nossa vida, todas as nossas relações e a vida do mundo inteiro, espalhando o Reino de Deus. Ele também nos diz no Evangelho de hoje: "Um discípulo não é maior do que o mestre; todo discípulo bem formado será como o mestre" (Lc 6,40)

Sim, é-nos oferecido e dado ser como nosso Mestre divino, para aderir com todo o nosso coração e toda a nossa vida com o manso e humilde Mestre e Senhor, que sozinho pode dar ao mundo a verdadeira paz, à da humanidade transformada em uma família de irmãos e irmãs, todos redimidos e feitos filhos e filhas de Deus!

*Fr. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist*